

MULHERES E VIOLÊNCIA DE GÊNERO NA PÓS-GRADUAÇÃO EM UMA FACULDADE DE ENGENHARIA

Ana Beatriz Closel Miraldi¹

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7584-8474>

Igor Micheletto Martins²

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7217-6406>

Liliane Santos de Camargos³

 ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0979-4447>

RESUMO

O objeto investigado pela pesquisa de Iniciação Científica são as relações sociais mantidas no ambiente de pós-graduação, em nível de doutorado, de uma faculdade de engenharia, presente no interior do Estado de São Paulo, as quais são analisadas sob um recorte de violência de gênero. A escolha do campus se deu por critérios de proximidade das pesquisadoras com o espaço e, também, pela diferença quantitativa acentuada da presença de dois gêneros (homem e mulher) ao longo de toda a trajetória educacional, indicando maioria de homens e um ambiente tendencialmente machista. A metodologia é de natureza quantitativa, de caráter exploratório e descritivo; desta forma, num primeiro momento, foi elaborado um levantamento acerca das mulheres que ingressaram nos programas de pós-graduação em doutorado na instituição, bem como diagnosticado a quantidade de professoras orientadoras que compõem o corpo docente vinculado a pós-graduação. Após realizar esse diagnóstico, foi desenvolvido um questionário para que as doutorandas pudessem responder. As respostas geradas pelo questionário foram analisadas e pode-se constatar que as discentes que participaram da pesquisa já sofreram e/ou presenciaram diversos tipos de violência por parte de professores (as), alunos (as), funcionários (as) e desconhecidos (as), dentro da própria instituição e em suas extensões. Os dados iniciais apresentam que existe a necessidade de mais pesquisas em relação a violência relacionada ao gênero dentro do ambiente universitário, mais especificamente nas Engenharias.

Palavras-chave: Gênero. Carreiras de Doutorado. Violência de gênero.

1

WOMEN AND GENDER VIOLENCE IN GRADUATE STUDIES IN A FACULTY OF ENGINEERING

ABSTRACT

The object of investigation in the Scientific Initiation research is the social relations maintained in the graduate studies environment, at the doctoral level of an engineering faculty, in the state of São Paulo, which are analyzed under a sort of gender violence. The choice of campus was made by the researchers' proximity to the space and also by the significant quantitative difference in the presence of the two genders (mens and women) over the educational trajectory, indicating a

¹ Graduanda em Ciências Biológicas (UNESP/FEIS). Discente bolsista de Iniciação Científica na UNESP/FEIS, Ilha Solteira, São Paulo, Brasil. E-mail: closel.miraldi@unesp.br.

² Licenciado em Ciências Biológicas (UNESP/FEIS) e Mestre em Ensino e Processos Formativos (UNESP/IBILCE). Doutorando em Educação para a Ciência (UNESP/FC), Bauru, São Paulo, Brasil. E-mail: igor.micheletto@unesp.br.

³ Livre-docente em Fisiologia do Metabolismo Vegetal (UNESP/FEIS). Doutora em Biologia Vegetal (UNICAMP). Mestre em Fisiologia e Bioquímica de Plantas (USP). Graduada em Ciências Biológicas/Licenciatura Plena (UFMS). Professora Associada no Departamento de Biologia e Zootecia na Faculdade de Engenharia de Ilha Solteira (UNESP). E-mail: liliane.camargos@unesp.br.

majority of men and a tendency to sexist environment. The methodology is quantitative, exploratory and descriptive. Initially, a data collection was made about the women who joined the doctoral programs at the institution, as well as diagnosed the number of advisor professors that are part of the faculty linked to graduate programs. After making this diagnosis, a survey was developed for that the doctoral students could answer. The survey's answers were analyzed and it can be seen that the students have already suffered and / or witnessed several types of violence by professors, students, employees and strangers, inside the institution itself and in its extensions. The initial data shows that further research is necessary with regard to gender violence in the university environment, more specifically in Engineering courses.

Keywords: Gender. Doctoral Careers. Gender Violence.

VIOLENCIA DE MUJERES Y GÉNERO EN EL POSGRADO EN UNA FACULTAD DE INGENIERÍA

RESUMEN

El objeto encuestado por la investigación de Iniciación Científica son las relaciones sociales mantenidas en el entorno de posgrado de una escuela de ingeniería, presente en el interior del Estado de São Paulo, que se analizan bajo una perspectiva de violencia de género. La elección del campus se debe a la proximidad del investigador al espacio y a la marcada diferencia cuantitativa en la presencia de los dos géneros a lo largo de la trayectoria educativa, lo que indica la mayoría de los hombres y una tendencia al ambiente sexista. La metodología es de naturaleza cuantitativa, exploratoria y descriptiva; De esta manera, al principio, se elaboró una encuesta sobre las mujeres que ingresaron a los programas de doctorado de posgrado en la institución, y se les diagnosticó el número de profesores asesores que conforman el personal docente vinculado a lo postgrado. Después de hacer este diagnóstico, se preparó un cuestionario para que los estudiantes de doctorado pudieran responder. Se analizaron las respuestas generadas por el cuestionario y se puede ver que los estudiantes ya han sufrido y / o presenciado varios tipos de violencia por parte de docentes, estudiantes, empleados y extraños, dentro de la propia institución y en sus extensiones. Los datos iniciales demuestran que existe la necesidad de más investigación en relación con la violencia de género dentro del entorno universitario, más específicamente en Ingeniería.

Palabras clave: Género. Carreras de doctorado. Violencia de género.

INTRODUÇÃO

Este artigo apresenta um recorte dos resultados da pesquisa de Iniciação Científica intitulada "Gênero e carreiras de doutorado", ainda em andamento, cujo objetivo foi compreender se há uma relação entre gênero e violência de gênero⁴ em uma faculdade de engenharia, de uma universidade pública, localizada no interior do estado de São Paulo. Ao longo da sua história, a faculdade incluiu cursos de outras áreas do conhecimento.

Tal universidade foi criada no dia 30 de janeiro de 1976, durante o período da Ditadura Civil-Militar, regime instaurado em 1964 e vigente até início de 1985. A abertura

⁴ Por violência de gênero, entende-se que as ações violentas são produzidas em conjunturas e ambientes concatenais e, portanto, interpessoais, possuindo cenários sociais e históricos não uniformes. A inteligibilidade e o uso da expressão violência de gênero estão associadas as esferas políticas e teóricas, permitindo, assim que sejam analisadas e aplicadas isoladamente (BANDEIRA 2014). Salientamos que violência é entendida, aqui, como física, psicológica, sexual, patrimonial e moral.

das atividades acadêmicas da faculdade deu-se em 1977 com os cursos de Engenharia, com habilitações em Civil, em Elétrica e em Mecânica. Em 1978, iniciou o Curso de Tecnólogo de nível Superior em Ciências Agrárias. Até o ano de 2001, a faculdade contava com quatro cursos de Graduação, a saber: Agronomia e Engenharia, com habilitações em Civil, em Elétrica e em Mecânica. Os cursos de Licenciaturas em Ciências Biológicas, em Física e em Matemática tiveram início em 2002. O curso de Graduação em Zootecnia foi o último a ser criado, em 2003.

Em setembro de 2017, nasce, no interior da instituição, um núcleo de apoio, estudos e discussões de gênero e de sexualidade, por iniciativa de docentes e de discentes, a partir de problemáticas percebidas no âmbito da universidade, envolvendo questões de gênero e de sexualidade entre estudantes. Urge, então, a necessidade de discutir, de problematizar e de compreender a temática que tange à vida de alunas(os) e que perpassa os muros da instituição culminando na vida em sociedade, de modo geral.

De certa forma, podemos dizer que o núcleo desencadeou e escancarou discussões e estudos que não eram sequer pensados ou nomeados no câmpus. Nesse sentido, o grupo atua de maneira transdisciplinar no âmbito de ações formativas (palestras, debates e eventos), oferecendo suporte a vítimas de violência e viabilizando estudos e pesquisas⁵.

A socióloga brasileira, Silvana Maria Bitencourt, aponta, em seus estudos, as dificuldades de ser mulher dentro do universo acadêmico.

Não é novidade que o campo científico foi construído por uma representação de Ciência e de cientista vinculada culturalmente ao masculino. Na própria institucionalização da Ciência, a presença dos homens foi percebida como "natural". Do mesmo modo, neste contexto da desigualdade de gênero, a prática científica não era reconhecida como um fato que necessitava de discussões (BITENCOURT, 2011, p.131).

O fato de as mulheres ainda não atuarem de forma equivalente aos homens nas ciências exatas pode ser compreendido pela relação histórica presente na desigualdade do sistema educacional, o qual não estimula as mulheres, desde crianças, às áreas das ciências exatas, pois a estas cabem apenas às práticas do cuidado e da reprodução. Isso significa que a sociedade está negligenciando ou escondendo que as mulheres logrem de oportunidades iguais para adentrarem nesses domínios da mesma forma que os homens.

⁵ O núcleo propiciou e fomentou um olhar crítico para as relações cotidianas em que as pesquisadoras estão inseridas, culminando em um marco histórico, para este grupo, a aprovação de uma bolsa de Iniciação Científica (IC). Tal pesquisa gerou os resultados que ora apresentamos.

Assim, apontamos a necessidade de alterar a visão existente no sistema educacional brasileiro, para que ocasione a transformação da desigualdade em nossa sociedade⁶.

O pressuposto dicotômico binário é transmitido por meio da própria cultura, que historicamente fortaleceu estereótipos de valores e capacidades, determinadas como características masculinas e femininas, que ainda hoje afetam as escolhas profissionais de homens e mulheres. Nessa lógica, as escolhas profissionais de homens são a competitividade, a objetividade e outros aspectos do “mundo da racionalidade”, enquanto as escolhas profissionais das mulheres estão associadas à passividade, à sensibilidade e a outras características do mundo das emoções (BITENCOURT, 2011).

As características vinculadas ao estereótipo do masculino, também são ditas inerentes às ciências e ao fazer ciência.

Assim sendo, os valores entendidos como femininos inculcados socialmente durante a socialização primária, perseguiram e ainda perseguem muitas mulheres dificultando suas inserções em outros espaços que não correspondem à maternidade e ao casamento. Desta forma, a forte ligação da engenharia com os homens e a pouca participação de mulheres neste campo reafirma como estes valores influenciam na visão de mundo e na escolha profissional de muitos indivíduos, ou seja, “eu que sou mulher me identifico com coisas de mulher e para mulher” (BITENCOURT, 2006 p.54).

A engenharia é compreendida como um campo de poder masculino, moldada pelos atributos da masculinidade, e tais concepções afetam também o entorno no qual tal lógica está inserida. Logo, as mulheres que se inserem nessa esfera, precisam interagir e se adequar a construção simbolicamente masculina (BITENCOURT, 2006).

É importante frisar que essas características apontadas por Bitencourt (2006) se fazem presentes na universidade que foi o *lócus* da nossa investigação.

Campo de análise

A questão que mobilizou a pesquisa, cuja coleta de dados foi iniciada em 2018 e finalizada em 2019, foi compreender se há uma relação entre gênero e violência institucional. No entanto, o recorte do presente artigo visa discutir a relação das mulheres na pós-graduação em nível de doutorado com a violência de gênero.

A faculdade de engenharia investigada dispõe de nove programas de pós-graduação, dos quais apenas quatro contam também com o curso de doutorado⁷. São oferecidos na unidade os programas de: Agronomia, Ciências dos Materiais, Ciência e

⁶ Disponível em: <<http://www.capes.gov.br/36-noticias/1300-blank-61118364>>. Acesso em 29 jul. 2020.

⁷ Os programas de pós-graduação em doutorado são Agronomia, Ciências dos Materiais, Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica.

Tecnologia Animal, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Ensinos e Processos Formativos, Matemática Profissional (PROFMAT) e Gestão e Regulação de Recursos Hídricos (PROFÁGUA); esses dois últimos cursos de mestrado profissional.

O contexto do câmpus investigado é o de uma faculdade de engenharia que inseriu, mais recentemente, cursos de outras áreas de conhecimento. Essa conjuntura faz-nos refletir se existe a presença da violência de gênero nas relações interpessoais – sejam essas entre alunas e alunos; alunas e orientador(a); alunas e professor(a); alunas e funcionários(as) e/ou alunas e desconhecido(a).

Delimitamos como objeto de análise discentes de pós-graduação em nível de doutorado, de uma faculdade de engenharia, de uma universidade pública, presente no interior do Estado de São Paulo.

A escolha do local de pesquisa ocorreu levando em conta dois elementos: (i) o critério de conveniência devido à proximidade com o espaço, acesso aos dados institucionais e as entrevistadas, pois as pesquisadoras e pesquisadas pertencem à instituição (ii) por outro, a história e a composição disciplinar atual deste campus – caracterizado por cursos nos quais há um predomínio de homens – faz com que haja uma diferença quantitativa acentuada da presença dos dois gêneros ao longo de toda a trajetória educacional (desde a graduação, passando pela pesquisa e pela docência). Esse é um elemento importante para a pesquisa, pois diferente de outros espaços nos quais há maior equidade numérica entre os gêneros, aqui pudemos observar o que ocorre com o problema analisado. Isto é, com a violência de gênero dentro dos limites institucionais quando há uma clara dominância masculina. Na esteira de Ferrand (1994), colocamos como possibilidade tanto a violência se acentuar, uma vez que com a discrepância numérica os homens não encontrariam barreiras para se impor; ou ainda, que a violência seria menos expressiva, pois haveria uma grande naturalização da dominação e das práticas masculinas.

A pesquisa contou com um levantamento inicial dos estudos sobre violência de gênero e aplicação de questionário via e-mail com alunas de pós-graduação, em nível de doutorado, da faculdade de engenharia investigada.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se por sua natureza quantitativa, cujos objetivos são explorar e descrever o fenômeno que ousamos investigar, ocasionando em um levantamento e uma aproximação do fenômeno “violência de gênero” e sua bibliografia e discussão no campo teórico.

Assim, concebemos a presente pesquisa como quantitativa, pois esta visa transformar a vida social em números a partir de medidas objetivas (GONSALVES, 2001).

Indicamos que as medidas objetivas da pesquisa foram o levantamento de dados iniciais das(os) docentes e discentes vinculadas aos programas de pós-graduação em nível de doutorado e a aplicação de questionários com as estudantes.

Ainda sob a ótica de Gonsalves (2001), compreendemos que a pesquisa possui um caráter exploratório e descritivo. Exploratório, pois o nosso objetivo é desenvolver uma visão panorâmica e uma aproximação com a problemática de violência de gênero; e descritivo, pois tencionamos a apresentar as características, levantadas pelo questionário, sobre a violência de gênero e as mulheres na pós-graduação do campus investigado.

Em um primeiro momento, foi elaborado um levantamento acerca das mulheres que estavam matriculadas nos programas de pós-graduação, em nível de doutorado, na referida instituição. Sendo assim, o curso de doutorado em Agronomia possui 40 alunas matriculadas de um total de 82 alunos; o curso de doutorado em Ciências dos Materiais possui 18 alunas matriculadas de um total de 54 discentes; o curso de doutorado em Engenharia Mecânica possui 24 alunas matriculadas de um total de 55 discentes; o curso de doutorado em Engenharia Elétrica possui 24 alunas matriculadas de um total de 109 discentes.

A partir desse levantamento, já podemos apontar uma discrepância no número de mulheres matriculadas, tendo em vista que são 93 mulheres em um total de 300 discentes. Isso caracteriza que 31% de discentes são mulheres, ou seja, não é nem a metade do total de discentes.

No site da faculdade consta o corpo docente dos programas de pós-graduação. Assim, coletamos os nomes dos(as) professores(as) e suas respectivas áreas que lecionam e que pesquisam. Com esses dados, analisamos a quantidade de professoras orientadoras que compõem o corpo docente vinculado a pós-graduação.

Na Agronomia, são 16 professoras orientadoras de um total de 46 docentes; nas Ciências dos Materiais, 2 professoras orientadoras de um total de 17 professores; na Engenharia Elétrica, 3 professoras orientadoras de 28 docentes no total; e na Engenharia Mecânica, apenas uma professora orientadora de um total de 21 professores. Desse modo, temos que o corpo docente da pós-graduação da faculdade de engenharia pesquisada é constituído por 22 professoras mulheres, de um total de 112 docentes. Logo, o corpo docente é constituído majoritariamente por docentes homens, o que possibilita indicar uma disparidade de gênero.

Após realizado o diagnóstico acima, foi elaborado um questionário para que as pós-graduandas pudessem responder. A partir do levantamento de estudos iniciais sobre carreiras de exatas e relações de gênero, visando fundamentar, teoricamente, o campo de estudo e orientar os rumos da investigação, notamos uma certa escassez de referências brasileiras encontradas nesse sentido (LOPES, 2000).

Dando continuidade, criamos um e-mail exclusivamente para o projeto, a fim de que pudéssemos enviar o questionário elaborado a partir do *Google Forms* com maior discrição e sigilo das informações, assim as alunas se sentiriam mais confortáveis para responder sem medo de se exporem. O e-mail das discentes foi coletado pela lista de matriculados(as) no doutorado em todas as quatro áreas que o Campus oferece.

Foram selecionados a partir do nome das ingressantes, as que julgamos serem mulheres, um total de 93 e-mails. Enviamos e-mail com texto explicativo sobre o projeto, salientando o sigilo das identidades, juntamente com o questionário.

O questionário foi constituído por meio de perguntas objetivas relacionadas à identidade e expressão de gênero, sexo biológico, orientação sexual, raça, idade, formação profissional e curso de pós-graduação. Após tais perguntas, ainda no mesmo questionário, indagamos sobre os tipos de violência que os(as) entrevistados(as) vivenciariam e/ou presenciaram, além de buscar identificar os locais em que ocorreram as violências e as reações diante delas.

No questionário inserimos uma breve descrição sobre gênero (ilustrando o que é identidade de gênero, orientação sexual, sexo biológico e expressão de gênero) e sobre os tipos de violência (física, psicológica, moral, sexual e patrimonial). Neste trabalho, concebemos a identidade de gênero como as formas de se identificar e ser identificado(a) como homem e mulher. Assim, a identidade de gênero não depende, exclusivamente, do sexo biológico de nascimento e muito menos da orientação sexual (JESUS, 2012). Orientação sexual diz respeito ao campo das práticas e sentimentos ligados à vida sexual do ser humano, sabendo que tais práticas são produtos da cultura e não se dão por determinantes biológicos (LOWY, 2000). Sexo biológico deve ser entendido, neste artigo como um termo referente às diferenças biológicas das genitálias (SCOTT, 1995). Por fim, expressão de gênero é a forma como a pessoa se apresenta e manifesta-se publicamente, de acordo com expectativas sociais de aparência e de comportamento de um determinado gênero, como por exemplo por meio do seu nome, vestimenta, corte de cabelo, comportamentos, voz, características corporais, entre outros. A expressão de gênero da pessoa nem sempre corresponde ao seu sexo biológico e não precisa necessariamente se alinhar à identidade de gênero (REIS, 2018).

No que tange à violência física, compreendemo-la como qualquer conduta que ofenda a integridade ou saúde corporal da pessoa (BRASIL, 2006). A violência psicológica é qualquer conduta que lhe cause danos emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade,

ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (BRASIL, 2006).

Definimos como violência moral qualquer conduta que configure calúnia, difamação ou injúria (BRASIL, 2006). Violência sexual é qualquer conduta que constranja a pessoa a presenciar, a manter ou a participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça, coação ou uso da força; que a induza a comercializar ou a utilizar, de qualquer modo, a sua sexualidade, que a impeça de usar qualquer método contraceptivo ou que a force ao matrimônio, à gravidez, ao aborto ou à prostituição, mediante coação, chantagem, suborno ou manipulação; ou que limite ou anule o exercício de seus direitos sexuais e reprodutivos (BRASIL, 2006).

Por fim, violência patrimonial trata de qualquer conduta que configure retenção, subtração, destruição parcial ou total de seus objetos, instrumentos de trabalho, documentos pessoais, bens, valores e direitos ou recursos econômicos, incluindo os destinados a satisfazer suas necessidades (BRASIL, 2006).

A investigação contou com um total de 26 participantes que responderam o questionário enviado. A partir das respostas e dos gráficos gerados pelo *Google Forms*, desenvolvemos gráficos comparativos e tabelas explicativas para cada questão. Estes gráficos e tabelas tornaram mais fácil a identificação dos problemas, bem como as contradições contidas nas respostas.

RESULTADOS

No início da pesquisa, precisamos delimitar dentro da seleção já estabelecida através da lista de discentes, o sexo biológico da(o) entrevistada(o), pois uma pessoa pode ter o sexo biológico masculino, mas ter uma identidade de gênero e expressão de gênero distinta do padrão esperado para seu sexo biológico designado.

A pessoa também poderia ter realizado a mudança do nome no registro civil e tal alteração ainda não ter sido efetivada na lista de matriculados. Nesse caso, teríamos acesso apenas ao nome e e-mail divulgado pelo próprio site da instituição. Portanto, a seleção deu-se única e exclusivamente através dos nomes e e-mails das alunas que julgamos serem mulheres.

Perfil das pós-graduandas

Analisando cada uma das respectivas respostas do questionário aplicado, temos 96% das alunas do sexo feminino e apenas 4% intersexo⁸. Não houve pessoas que se identificaram com a identidade de gênero masculina nem pessoas que preferiram não

⁸ Intersexo são pessoas que nascem com genitália ambígua, ou seja, suas características reprodutivas ou sexuais não se encaixam nas definições típicas de masculino ou feminino.

responder à pergunta. Quanto à identidade de gênero, obtivemos um total de 96% cisgêneros e 4% preferiram não dizer. Não houve pessoas que se declararam travesti, transexual ou transgênero.

Já em relação a orientação sexual, 92% se declararam heterossexual, 4% homossexual e 4% assexual. Nenhuma das entrevistadas declarou-se bissexual. Quanto à expressão de gênero, 88% se declararam como o esperado pela sociedade, 8% como quebra de padrões e 4% preferiram não dizer. Quando questionadas sobre como classificam sua cor ou raça, 77% se declararam brancas e 23% pardas⁹. Nenhuma das entrevistadas autodeclarou-se preta, amarela ou indígena.

A partir das respostas relatadas acima, podemos inferir que a maioria das mulheres entrevistadas e que estão cursando doutorado na faculdade de engenharia investigada, são brancas, heterossexuais, cisgênero e com a expressão de gênero esperada pela sociedade.

Segundo dados do censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), a população brasileira somava 190.755.799 milhões de pessoas, desse total 817.963 mil eram indígenas. A partir dessas informações, é plausível questionar, sem a pretensão de responder já neste artigo, como se dá a inserção da mulher indígena dentro da universidade, considerando que o câmpus em questão faz divisa com o estado do Mato Grosso do Sul, o qual possui a segunda maior população indígena do país e um grande número de territórios, sejam eles nas modalidades de reserva indígena ou tradicionalmente ocupadas. No tocante à ausência de autodeclaradas negras, isso pode sugerir que essas mulheres encontram barreiras ainda maiores de inserção nos cursos de exatas sob análise?

Salientamos que a universidade investigada ainda não possui políticas de inclusão de negros (pretos e pardos), indígenas e pessoas com deficiência em seus programas de pós-graduação (mestrado e doutorado), como Políticas de Ações Afirmativas.

A idade das participantes varia entre 24 e 42 anos, sendo a média 28 anos. Enquanto 96% das entrevistadas estudam na universidade investigada, 4% estudam no Instituto Federal de Rondônia (IFRO)¹⁰. Elas se formaram na graduação entre os anos de 2003 e 2018, sendo grande parte das entrevistadas formadas entre os anos de 2011 a 2016. As discentes cursam os doutorados em Ciências dos Materiais e em Engenharia Agrônômica, Engenharia Elétrica e Engenharia Mecânica. Todas estudam em período integral¹¹. Além disso, 81% moram na cidade onde a faculdade se localiza ou próximo

⁹ De acordo com a classificação trabalhada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

¹⁰ A universidade objeto deste estudo possui convênio com o Instituto Federal de Rondônia (IFRO) e por este motivo existem alunas de pós-graduação em nível de doutorado que responderam o questionário aplicado e estudam na IFRO.

¹¹ Nenhuma das participantes da pesquisa responderam que estudam no período matutino, vespertino ou noturno.

e 19% não moram na cidade que estudam ou próximo. Pela questão aberta obtivemos as diferentes cidades onde as entrevistadas residem, porém, as mesmas foram suprimidas para manter o sigilo da identidade da instituição.

Sobre a participação em coletivos¹² (Diretório Acadêmico, Sindicatos, ONGs, Grupos de Ação Social, ou qualquer outra organização que envolva trabalho coletivo), 88% das entrevistadas não integram e apenas 12% participam, os quais foram citados em questão aberta. Mas, para garantir a privacidade das informações não citaremos os nomes dos coletivos, apenas que são ligados à universidade e a seus respectivos projetos de pesquisa.

Quando questionadas se consideram seguro o ambiente da universidade em que estudam, 88% responderam que sim e 12% disseram que não. A partir desses dados, podemos inferir que a maioria das entrevistadas consideram seguro o ambiente da universidade.

No momento em que são questionadas sobre as violências ocorridas e presenciadas na universidade, temos que 46% não sofreram ou presenciaram nenhum tipo de violência, 30% presenciaram e 24% sofreram violência. Podemos observar uma mudança na percepção de violência pelas discentes, visto que agora apenas 46% não sofreram nenhum tipo de violência, quando comparamos com 88% que consideram o ambiente da universidade seguro. Constatamos, com isso, uma dissonância entre as respostas. Esse fato nos leva a questionar o que as discentes consideram violência e quais são, para elas, as características de um ambiente seguro¹³.

Quando relacionamos as duas questões, no Gráfico 1, "Você considera o ambiente dentro da universidade seguro?" e "Já ocorreu algum tipo de violência no âmbito da universidade (câmpus, moradia¹⁴ e/ou república¹⁵) com você e/ou presenciada?", podemos observar a diferença nas respostas. Observa-se no gráfico, que a primeira linha é a resposta sobre o ambiente da instituição ser seguro e a segunda linha é a resposta se já sofreram ou presenciaram violência. Nas respostas, observamos que a mesma quantidade de pessoas que consideraram o ambiente da instituição seguro, já sofreu violência.

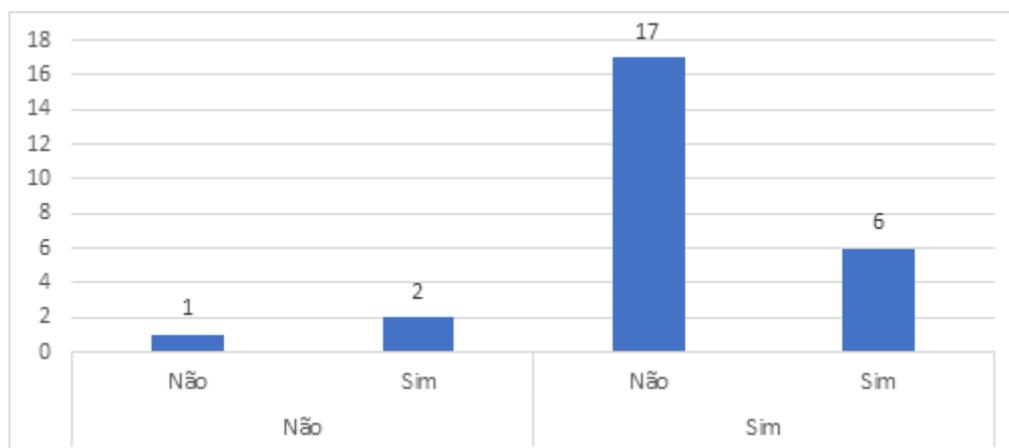
¹² Essa questão foi inserida no questionário com o intuito de verificar quais grupos essas alunas fazem parte, se eles contribuem para sua formação ou se são espaços que contribuem para sua opressão dentro da instituição.

¹³ Sinalizamos que essa percepção sobre ambiente seguro será a temática de projetos futuros, com o intuito de aprofundar a discussão no assunto.

¹⁴ Moradia estudantil da universidade.

¹⁵ Entende-se república como uma extensão da universidade por alojar estudantes.

Gráfico 1 - Gráfico relacionando duas questões "Você considera o ambiente dentro da universidade seguro?" e "Já ocorreu algum tipo de violência no âmbito da universidade (campus, moradia e/ou república) (com você e/ou presenciada)?".



Fonte: elaborada pelas autoras.

A discrepância nas respostas encoraja-nos a perguntar, sem pretensão de respostas, o que as discentes consideram como violência. Será que elas identificam violência apenas como ações que causem dano físico e material como roubos, estupros e espancamentos? Quais são as características de um ambiente seguro?

Podemos observar na Tabela 1 que as discentes já foram vítimas e presenciaram diversos tipos de violência, com destaque para a categoria "Preconceito/Discriminação por questão relacionada à mulher", opção com maior percentual entre os tipos de violência e que os percentuais das violências sofridas se sobressaem às presenciadas.

11

Tabela 1 - Tipos de violências na universidade, sofridas e presenciadas, pelas discentes.

Tipos de violências ocorridas na universidade	Sofridas pelas entrevistadas (%)	Presenciadas pelas entrevistadas (%)	Soma (%)
Abuso de autoridade	12	8	19
Assédio moral	0	0	0
Assédio sexual	8	4	12
Bullying (presencial)	8	12	19
Coação/pressão	4	4	8
Cyberbullying (por redes sociais, internet)	4	12	15

continua

continuação

Tipos de violências ocorridas na universidade	Sofridas pelas entrevistadas (%)	Presenciadas pelas entrevistadas (%)	Soma (%)
Furtos	4	4	8
Preconceito/Discriminação por questão econômica	0	12	12
Preconceito/Discriminação por questão étnica/racial	4	15	19
Preconceito/Discriminação por questão ideológica	8	8	15
Preconceito/Discriminação por questão ligada ao próprio corpo	4	15	19
Preconceito/Discriminação por questão relacionada a mulher	23	15	38
Preconceito/Discriminação por questão relacionada a sexualidade	0	15	15
Preconceito/Discriminação por questão relacionada a transgênero	0	4	4
Preconceito/Discriminação por questão religiosa	0	0	0
Roubos e/ou assaltos	0	0	0
Violência física	0	0	0
Violência psicológica	15	15	31
Violência sexual	0	0	0
Violência verbal	12	15	27

Fonte: elaborada pelas autoras.

12

Esse dado pode indicar que a percepção da violência está diretamente associada ao enquadramento de gênero, o que pode ser compreendido como relacionado ao ambiente predominantemente masculino e permeado por uma expectativa de comportamento "masculinizado", em que professores e alunos tornam o ambiente ainda mais hostil à presença de mulheres por meio de piadas, brincadeiras e comentários que são angariados de uma hierarquia patriarcal e machistas, funcionando como agravantes em um contexto no qual as mulheres já são minorias (BITENCOURT, 2006).

Os tipos de violência "Violência psicológica", "Violência verbal" e "Abuso de autoridade" também possuem índices de ocorrência que saltam aos olhos. Fazendoneos refletir ainda mais sobre a dominância masculina e a manutenção do poder dentro das relações cotidianas dessas alunas. Além disso, acreditamos que a violência psicológica, a violência verbal e o abuso de autoridade, podem ocasionar em uma falta de estímulo no aprendizado e no progresso científico das entrevistadas, bem como podem gerar danos psicológicos e emocionais.

No tocante às violências presenciadas, as categorias "Preconceito/Discriminação por questão étnica/racial"; "Preconceito/Discriminação por questão relacionada ao próprio corpo"; "Preconceito/Discriminação por questão

relacionada à mulher"; "Preconceito/Discriminação por questão relacionada a sexualidade"; "Violência psicológica" e "Violência verbal" também possuem índices que se destacam, todos eles com 15%. Concluimos que essas alunas, além de sofrerem diferentes tipos de violências, também presenciam no seu cotidiano essas brutalidades, o que possibilita tornar o ambiente universitário hostil a qualquer um que não se assemelha às características dos seres dominantes neste pequeno espaço, criando um microcosmo homogêneo e excludente para diversidades.

Na Tabela 2, tratando sobre as violências sofridas e presenciadas pelas alunas, temos que os autores foram aluno (a), professor (a), funcionário (a) e desconhecido (a), sendo 30,77%, 46,15%, 11,54%, 11,54%, respectivamente. Como podemos perceber, os docentes são a categoria que possuem maiores índices de violência, chegando a alcançar aproximadamente metade dos casos.

Tabela 2 – Autores da violência.

Situação da violência	Autores da violência			
	Aluno(a)	Professor(a)	Funcionário(a)	Desconhecido(a)
Sofreu	3	7	2	2
Presenciou	5	5	1	1
Total	30,77%	46,15%	11,54%	11,54%

Fonte: elaborada pelas autoras.

Na Tabela 3, podemos observar os locais que revelaram a maior quantidade de respostas tanto de violências sofridas como de presenciadas foram "Gabinete do docente"; "Sala de aula"; "Corredor" e "República". "Moradia estudantil", "Restaurantes/Lanchonete" e "Estacionamento/Áreas abertas" também obtiveram respostas. Apenas "Banheiro" e "Área de lazer/esporte" não tiveram nenhuma resposta.

Tabela 3 - Locais das violências, sofridas e presenciadas pelas discentes.

Locais das violências	Sofridas pelas entrevistadas (%)	Presenciadas pelas entrevistadas (%)	Soma (%)
Área de lazer/esportes	0	0	0
Banheiro	0	0	0
Corredor	12	15	27
Estacionamento/Áreas abertas	4	4	8
Gabinete de docente	12	8	19
Moradia estudantil	4	4	8
República	12	19	31
Restaurantes/Lanchonete	4	4	8
Sala de aula	15	12	27

Fonte: elaborada pelas autoras

A reação das entrevistadas em casos de violência é a indignação (62%), porém 46% não sabem o que fazer quando isso acontece; sendo que 23% declararam que intervêm e 15% declararam que ignoram, denunciam e registram boletim de ocorrência. Apenas 4% marcaram as opções revido e outros (no caso, a discente respondeu que “dariam um jeito de comprovar por meio de fotos ou vídeos”). Nenhuma delas marcou a opção “Participaria da ação”.

Apenas 30% das entrevistadas conheciam algum canal de denúncia, tais como ouvidoria e diretoria, sendo que 70% delas desconheciam a existência dos canais de denúncia existentes dentro da universidade. Tão logo, 8% já denunciaram algum caso de violência e 92% não denunciaram.

A partir deste levantamento exploratório e descritivo, com o intuito de se aprofundar em futuras pesquisas, podemos inferir que os principais autores das violências cometidas e/ou presenciadas são docentes. As participantes da pesquisa, ao relatarem esse dado alarmante, declaram que não sabem como reagir quando sofrem ou presenciam casos de violência e tão pouco conhecem os canais de denúncia da universidade investigada.

Ainda, com o retrato que ora apresentamos, podemos sinalizar um forte indicativo da presença da violência de gênero, especialmente relacionada às mulheres, em âmbito de pós-graduação na universidade que foi alvo da pesquisa. Desse modo, esses dados iniciais são um alerta para iniciar diálogos e reflexões, desassossegando e pensar em ações futuras para que o problema seja assistido com atenção e o cuidado que merece.

Considerações finais

Esta pesquisa teve por objetivo compreender se há uma relação entre mulheres na pós-graduação e violência de gênero e, para isso, realizamos um levantamento de dados e estudos iniciais, de caráter exploratório, e aplicação de questionário via e-mail com alunas de pós-graduação da universidade investigada, com o intuito de descrever o fenômeno. Os resultados recortados e analisados para este artigo indicam que as participantes desta pesquisa são em sua maioria brancas, heterossexuais, cisgênero e com a expressão de gênero esperada pela sociedade.

As entrevistadas consideram o ambiente da universidade seguro, porém já sofreram e/ou presenciaram diversos tipos de violência dentro da própria instituição, por parte de professores, alunos, funcionários e desconhecidos. Além dos espaços dentro da própria instituição, as participantes declararam que já sofreram e presenciaram violências em diversos lugares da mesma, todavia os mais citados foram sala de aula, gabinete do docente, corredor e república.

No tocante aos tipos de reação diante de casos de violência, elas apresentam que os mais comuns são a indignação e não saber o que fazer; o que nos leva ao grande número de discentes que não conhecem os canais de denúncia da faculdade que estudam e, conseqüentemente, a maioria delas não denunciou nenhum tipo de violência.

A pesquisa ainda está em andamento, de modo que essa análise preliminar deverá ser futuramente acrescida de outras, bem como será realizado um aprofundamento teórico sobre percepção de violência.

REFERÊNCIAS

BITENCOURT, S. M. **Candidatas à ciência**: a compreensão da maternidade na fase do doutorado. Tese (Doutorado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

BITENCOURT, S. M. **Existe um outro lado do rio?** Um diálogo entre a cultura da engenharia e relações de gênero no centro tecnológico da UFSC. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

BRASIL. **Lei n. 11.340**, de 7 de agosto de 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em 29 set 2020.

FERRAND, M. A exclusão das mulheres da prática das ciências: uma manifestação sutil da dominação masculina. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, n. especial, p. 358-367, 2º semestre 1994. DOI: <https://doi.org/10.1590/%25x>. Acesso em 29 set 2020.

GONSALVES, E. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas: Editora Alínea, 2001.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Disponível em: <https://ww2.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/default.shtm>. Acesso em 29 set 2020.

JESUS, J. G. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Brasília: Fundação Biblioteca Nacional, 2012.

LOPES, M. M. Apresentação. **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 15, p. 7-14, 2000. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635361>. Acesso em 29 set 2020.

LOWY, I. Universalidade da Ciência e conhecimentos "situados". **Cadernos Pagu**, Campinas, v. 15, p. 15-38, 2000. Disponível em <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635360>. Acesso em 29 set 2020.

REIS, T. **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba: Aliança Nacional LGBTI/GayLatino, 2018.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, 1995. Disponível em

<https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em 6 out 2020.